

A Guerra do Golfo

O artigo analisa a Guerra do Golfo, de 1991, sob enfoque estratégico. Três explicações são arroladas como razão maior para a vitória estadunidense nesse conflito. A conclusão desmente que a suposta revolução nos assuntos militares tenha tornado obsoletas as forças militares defasadas. Aspectos tradicionais do fazer a guerra e engenhos bélicos não tão tecnológicos foram plenamente efetivos. O trabalho tem apreciação bem diversa da capacidade militar dos Estados Unidos na atualidade.

Palavras-chave: Relações Internacionais; Estudos Estratégicos, Revolução nos Assuntos Militares, Guerra do Golfo.



The Gulf War

The article analyzes the 1991 Gulf War under a strategic view. Three explanations are shown as the major reason for the US victory in this conflict. The conclusion disproves that the aftermath of the revolution in military affairs turned obsolete the less technological armed forces. Traditional aspects of warfare and downgraded hardware have been pretty effective. The paper makes an unorthodox appraisal of the US military capability currently.

Keywords: International Relations, Strategic Studies, Revolution in Military Affairs, Gulf War.

Vágner Camilo Alves: Professor e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos da Defesa e da Segurança (PPGEST) da UFF.

1 INTRODUÇÃO¹

A Guerra do Golfo, de 1991, foi um divisor de águas importante na História contemporânea. Do ponto de vista das relações internacionais, tal guerra inaugura o chamado período pós-Guerra Fria. Os Estados Unidos, superpotência solitária, tornaram-se os grandes fiadores do que então se chamou de uma nova ordem mundial.

Os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, no coração da superpotência, expuseram uma vulnerabilidade desconhecida aos governantes norte-americanos. A estrutura do sistema internacional, entretanto, não foi alterada. A invasão e a ocupação, pelos Estados Unidos, do Afeganistão e do Iraque, esse último sem autorização do Conselho de Segurança das Nações Unidas, mostraram que a primazia norte-americana no sistema internacional prossegue.

Tal condição é, em grande medida, explicada pelo poder militar do país, visto por muitos como incontestável. Essa percepção, mesmo que não estendida à capacidade anti-insurrecional, tem seu ponto de origem na retumbante vitória que norte-americanos e aliados tiveram nas areias do Kuwait e sul do Iraque há aproximadamente vinte anos, durante a chamada Operação Tempestade no Deserto. Analisar tal conflito mais detalhadamente, portanto, é não apenas salutar exercício de análise estratégica; é também mister para se entender até que ponto vai o predomínio militar convencional dos Estados Unidos no mundo atual.²

A Guerra do Golfo foi um dos maiores conflitos militares convencionais da última metade do século XX e, sem dúvida, o maior dos últimos vinte anos. Envolveu mais de trinta países e toda a panóplia de equipamento militar convencional moderno existente. No pequeno teatro de operações – a fronteira desértica do Kuwait com a Arábia Saudita, o território do país ocupado (Kuwait) e parte do sul do Iraque – concentraram-se mais de um milhão de combatentes. A batalha que aí se desenrolou lembra, em consequência do número de soldados e equipamentos envolvidos e do caráter absolutamente convencional da contenda, as realizadas nos conflitos mundiais da primeira metade do século XX.

Pouco tempo após o fim da guerra, dois tipos de apreciação sobre a luta disputavam as atenções.³ Em uma dessas visões, a vitória norte-americana era louvada ao extremo. O Iraque era apresentado como um adver-

sário respeitável, dotado do quarto maior exército do mundo, com vasta experiência de combate adquirida nos oito anos de conflito com o Irã, e capaz de empreender ações militares fulminantes. A fragorosa derrota do país árabe, portanto, denotaria uma notável supremacia militar estadunidense no mundo.

A outra visão é o avesso desse cenário. Os Estados Unidos estariam em acelerado processo de se tornarem superpotência solitária, consequência da debacle soviética. Com o apoio econômico e, em menor medida, militar de grande parte do mundo desenvolvido, dispuseram seu ultrassofisticado arsenal de guerra contra as forças militares de um país do Terceiro Mundo que mal havia conseguido, com muito auxílio externo, arrancar um empate do atrasado Irã dos aiatolás. A vitória, portanto, era mais do que esperada.

Os anos que se passaram desde o evento amainaram um pouco os enfoques mais radicais. Boa parte da literatura especializada adotou posição mais equilibrada em face das visões polarizadas que se apresentaram no calor do pós-guerra.

Entretanto, mesmo que se reconheça que a vitória norte-americana era quase certa, surpreende-se pelo fato de que tal resultado tenha sido alcançado de forma tão bem planejada e com perdas militares tão exíguas. Esse fato, sem dúvida, não foi previsto por praticamente nenhuma análise prévia à guerra. Sua explicação merece atenção. Ao mesmo tempo, também é importante apontar o que saiu errado para a coalizão capitaneada pelos norte-americanos dentro dessa operação, em regra, absolutamente perfeita.

O artigo está estruturado da seguinte forma. Primeiro, será analisada a estratégia geral iraquiana no conflito e feita a descrição de tropas e equipamentos acantonados no cenário da batalha. A magnitude da derrota indica a necessidade de apontar e estudar as razões do fracasso quase completo dessa estratégia. Nessa parte, três explicações principais serão apresentadas: a supremacia aérea adquirida pela coalizão desde as primeiras horas do embate e sua influência na perda de combatividade do exército iraquiano; o domínio norte-americano de tecnologia nova, revolucionária, capaz de proporcionar vantagem abismal no que tange às informações sobre o adversário; e a diferença no que concerne a treinamento, táticas e doutrina entre os oponentes. Enquanto as duas primeiras explicações

ênfatisam a ocorrência de uma revolução nos assuntos militares (RAM),⁴ a última assevera que, mesmo se levando em conta as diferenças tecnológicas entre os oponentes, a derrota monumental dos iraquianos só pode ser entendida se também é levada em consideração sua baixa *expertise* militar *vis-à-vis* a dos norte-americanos e aliados. Tais explicações disputam primazia na literatura como explicação maior do resultado do conflito, ainda que possamos, sem problemas, considerá-las sobrepostas.

Na última seção do artigo, será apontado o que funcionou na desastrosa estratégia de guerra do Iraque. Basicamente, será examinado o impacto dos mísseis balísticos Scud, de curto e médio alcance, na contenda: o que eles realizaram na guerra, quais foram as contramedidas tomadas pela coalizão e por que podemos afirmar que elas não tiveram êxito. Finalmente, na conclusão, apontamos as lições estratégicas a serem aprendidas.

2 A ESTRATÉGIA IRAQUIANA

O governo de Saddam Hussein em nenhum momento imaginou ser capaz de derrotar os Estados Unidos em uma guerra em que ambos os países estivessem inteiramente comprometidos. Sua estratégia levava em primeiríssima conta a diferença, para os respectivos governos, do objeto em disputa. Era claro que aos iraquianos importava muito mais a posse do Kuwait do que aos norte-americanos a independência desse país. Isso era fundamental na estratégia iraquiana: o fato de que politicamente os norte-americanos tinham muito menos a perder do que eles. Se eles conseguissem cobrar custo humano e material muito alto à primeira tentativa da coalizão de liberar o Kuwait, provavelmente poderiam negociar alguma solução política favorável com os Estados Unidos. É emblemático o fato de Saddam ter afirmado à embaixadora norte-americana no Iraque, April Glaspie, que “sua sociedade não era capaz de suportar dez mil mortos em uma batalha”. A lembrança do Vietnã fazia-se presente. Assim como a pobre nação do sudeste asiático conseguiu fazer os Estados Unidos desistirem da guerra, o Iraque também podia realizar algo semelhante no Golfo Pérsico (PAPE, 1996, p. 241). Para isso, Saddam Hussein deslocou a maior parte de seu grande exército para o Kuwait e sul do Iraque e procurou construir formidável defesa militar, capaz de cobrar baixas notáveis, materiais e humanas, no caso de qualquer invasão da coalizão.

O aparato defensivo constituído compreendia 42 divisões, dispostas em três níveis subsequentes. Dentro do Kuwait, na costa e ao longo da desértica fronteira com a Arábia Saudita, encontravam-se 25 divisões de infantaria previamente entrincheiradas. Eram as tropas menos motivadas e equipadas. A reserva operacional dessa força, localizada ainda dentro do Kuwait, compunha-se de nove divisões mecanizadas e blindadas do exército, mais aquinhoadas do ponto de vista humano e de equipamentos. Finalmente, atrás dessas unidades, dispunha-se a reserva estratégica, composta pelas mais preparadas e equipadas tropas iraquianas. Oito divisões da guarda republicana estavam acantonadas no sul do Iraque. As forças de infantaria, menos leais e mais fracamente armadas, tinham como meta atritar e, pelo menos, retardar o avanço das pontas de lança da coalizão, que seriam então destruídas pelas divisões mais fortemente armadas da reserva operacional. Em último caso, penetrações mais profundas seriam embotadas pelas divisões blindadas da guarda republicana.

Planejadores da coalizão estimavam em mais de meio milhão o número de soldados iraquianos no teatro de operações, equipados com cerca de 4.280 tanques, 2.800 veículos blindados de transporte e mais de 3 mil peças de artilharia. A despeito dos números equivocadamente elevados, a defesa organizada era, ainda assim, admirável (PAPE, 1996, p. 241-243).

Os prognósticos de perdas humanas e materiais na ação, feitas por especialistas e militares norte-americanos, não se afastavam em muito do número mencionado por Saddam à embaixadora, com raras exceções.⁵ Ao fim, entretanto, o Kuwait foi liberado com extrema facilidade, após mais ou menos seis semanas de bombardeio aéreo intenso e apenas cem horas de campanha em terra. A guerra custou à coalizão 240 mortos em batalha, dos quais 148 eram norte-americanos, para mais de 790 mil soldados mobilizados, presentes no teatro de operações. A relação entre as perdas por tropas enviadas ao cenário de batalha não encontra paralelos na História. As vitoriosas campanhas alemãs que inauguraram a Blitzkrieg contra os poloneses, em 1939, e franceses e expedicionários britânicos, em 1940, apresentaram taxas de perdas alemãs vinte vezes maiores. Mesmo as vitórias de Israel na Guerra dos Seis Dias, em 1967, e na luta contra os sírios no vale de Bekaa, em 1982, sucessos militares absolutos, apresentam uma diferença sensível com relação à contenda no Golfo, com taxas de perdas, por parte dos israelenses, de aproximadamente dez vezes

o apresentado pela coalizão (BIDDLE, 2004, p. 133). Além de ter sido uma fulminante vitória militar, o conflito destaca-se, com relação ao histórico de vitórias desse tipo, pelo baixíssimo número de óbitos das forças vitoriosas.⁶ O sucesso foi de tal monta que talvez seja melhor compará-lo não às modernas batalhas entre adversários “civilizados”, mas às operações militares das potências imperiais europeias de fins do século XIX na África e Ásia, nas quais a vitória era conseguida a custo irrisório.⁷

A Guerra do Golfo passou então a ser considerada um marco nos assuntos militares, divulgando-se, a partir desse momento, a ideia de que uma revolução nos assuntos militares (RAM) estava em curso e seria incrementada nos anos seguintes. Embutido nessa ideia estava o fato de que as forças armadas que ficassem de fora desse processo estariam inelutavelmente obsoletas.

Três explicações principais para a vitória podem ser extraídas da literatura produzida no pós-guerra. Duas delas salientam a ocorrência de uma RAM, enquanto a terceira é mais cética nesse ponto.

3 AS RAZÕES DA VITÓRIA

Sem dúvida, a mais divulgada e popular razão para a retumbante vitória exangue dos norte-americanos é a supremacia aérea conseguida nessa guerra. A destruição, nos primeiros dias do conflito, da maior parte da defesa antiaérea iraquiana por mísseis de cruzeiro e bombas inteligentes, lançadas de caças-bombardeiros invisíveis F-117, proporcionaram o domínio do ar à coalizão logo de início. A força aérea iraquiana, sofrendo de falta de informação em razão da destruição ou inoperabilidade dos seus radares em terra e derrotada nos primeiros duelos aéreos, optou logo por permanecer abrigada em *bunkers* especiais. Mais tarde, mesmo essa solução tornou-se perigosa, uma vez que os bombardeios aéreos passaram a visar a esses alvos e muitos pilotos iraquianos fugiram do país com seus aviões, em direção a bases do antigo inimigo, o Irã. O domínio do ar, portanto, foi ganho quase que desde o início da guerra, o que possibilitou às aeronaves da coalizão operarem impunemente sobre o Iraque e o teatro de guerra, desde que em média e alta altitude. Em voos baixos, a artilharia antiaérea e os mísseis guiados por infravermelho lançados de ombro mostraram-se capazes de derrubar as poucas aeronaves da coalizão destruídas durante o embate (KEANEY, 1993, p. 27).

Uma vez obtido o domínio aéreo, abriram-se aos Estados Unidos e aliados as opções inerentes a essa situação. Podia-se atacar alvos estratégicos, especialmente os líderes políticos e militares iraquianos. Isso visava, na pior das hipóteses, a isolá-los, cortando sua comunicação com suas forças militares ou, na melhor das hipóteses, destruí-los, provocando mudança de governo e o fim da guerra sem a necessidade de invasão. Podia-se também optar por atacar a infraestrutura da força combatente adversária, como pontes, abrigos, bases logísticas, veículos de transporte etc., de modo a privar o oponente dos insumos necessários à realização de sua estratégia defensiva. Finalmente, podia-se atacar diretamente as tropas acantonadas no *front*, destruindo o maior número possível de equipamento e adversários e, com isso, quebrar material e psicologicamente a vontade de guerrear das forças oponentes. A força aérea da coalizão empreendeu todos os três tipos de ataque, variando a intensidade relativa deles durante a guerra.

O histórico das operações mostra relativo fracasso quanto aos ataques aéreos estratégicos, visto a permanência dos líderes em suas respectivas posições de poder e também a manutenção das linhas de comunicação com seus subordinados até os últimos instantes da campanha (PAPE, 1996, cap. 7). Diferente é o julgamento relativo às operações aéreas de interdição do campo de batalha e contra as tropas inimigas. Uma vez iniciada a ofensiva em terra, o papel principal das tropas norte-americanas e aliadas teria sido somente o de render os milhares de iraquianos que se apresentavam como prisioneiros. Em casos extremos, era preciso apenas abafar os poucos focos de resistência isolados, compostos por tropas cansadas, desorientadas e mal equipadas. Além disso, aproximadamente 40% dos blindados iraquianos postados no *front* de batalha foram inutilizados por ataques aéreos (PRESS, 2001, p. 30-33).⁸

Na visão de Robert Pape, o poder aéreo, a partir desse momento, ganhou, nas batalhas tradicionais, um peso relativo inigualável em termos históricos. A Guerra do Golfo, comparada às operações aliadas para romper a cabeça-de-praia na Normandia, em 1944, mostra isso com perfeição. Ainda que, nos dois casos, existisse completo domínio aéreo pelos norte-americanos e aliados, o papel desse domínio nas batalhas foi bastante diverso. Em 1944, ele teria auxiliado as forças de terra. Em 1991, ele arrasou, do ar, o adversário.⁹ As tropas continuavam necessárias para fazer

o oponente compactar-se no *front* e, com isso, tornar-se alvo fácil para os brutais ataques aéreos. Além disso, eram indispensáveis também para avançar no momento oportuno e esmagar os poucos focos de resistência. A equação, entretanto, havia-se invertido. As batalhas, a partir de então, não seriam mais vencidas em terra com o apoio aéreo, mas vencidas do ar com o apoio em terra. Adaptando-se o velho e equivocado lema adotado nas ofensivas dos exércitos da Primeira Guerra Mundial, que visavam a romper o impasse da guerra de trincheiras no *front* ocidental – a artilharia conquista, a infantaria ocupa –, estaríamos agora vivendo uma realidade em que “a força aérea conquista, o exército ocupa”.

Claro está que o domínio aéreo é, hoje em dia, muito mais importante do que foi antes. Para muitos autores, entretanto, a razão da espetacular vitória na Guerra do Golfo seria menos em virtude da preponderância aérea e mais do incremento tecnológico nos equipamentos militares modernos. Esse avanço deu aos Estados Unidos vantagem qualitativa no que concerne, especialmente, à informação na guerra. No ar isso seria exemplificado de diversas maneiras. Por exemplo, com a monitoração e o controle do campo de batalha, em tempo real, por satélites e Boeings AWACS (*Airborne Warning Control System* – Sistema de Vigilância e Controle Aéreo) e JSTARS (*Joint Surveillance and Targeting Radar System* – Sistema Conjunto Aerotransportado de Radar de Vigilância e de Ataque de Alvos); com os ataques furtivos dos caças-bombardeiros F-117, invisíveis ao radar; e com o uso, ainda pequeno, das chamadas armas inteligentes: bombas guiadas a laser, mísseis Maverick, guiados por TV, etc..¹⁰

Essa vantagem no campo da informação, que conferia à coalizão a capacidade de identificar seus alvos e atingi-los com enorme precisão, não se restringia, entretanto, ao âmbito da guerra aérea. Em terra também a superioridade era enorme. Desde o uso corrente, pela infantaria, de aparelhos pessoais de GPS (*Global Positioning System* – Sistema Global de Posicionamento), que forneciam aos soldados a exata informação sobre sua localização, mesmo em um deserto à noite castigado por tempestades de areia; até a vantagem dos tanques e carros blindados norte-americanos, dotados de visor térmico e computador capaz de calcular a trajetória balística dos tiros de canhão com o carro em movimento.¹¹ Em resumo, a excelência na informação, tanto em terra como no ar, seria a razão maior da vitória.

Nada simbolizaria mais essa vantagem tecnológica do que o plano geral de batalha adotado por Norman Schwarzkopf, comandante das forças da coalizão. Ele transferiu dois corpos de Exército, os mais poderosos de sua força, para o oeste do deserto saudita. Quando suas forças avançassem no teatro de operações kuwaitiano, o ataque frontal às tropas iraquianas no Kuwait atrairia a reserva inimiga a se engajar no combate. Os corpos no oeste, então, desfeririam o chamado “gancho de esquerda”, avançando rapidamente e cercando todo o contingente inimigo, mais ou menos à semelhança de Aníbal em Canas. Assim, como se costumava afirmar, não só a vitória seria alcançada, mas todo o poder militar adversário, no teatro de operações, seria destruído.

Transferir dois corpos de exército inteiros durante a fase de guerra aérea sem que o Iraque tivesse conhecimento disso e, conseqüentemente, fosse surpreendido, só seria possível se a coalizão tivesse vantagem considerável sobre o inimigo no que concerne à inteligência e informação.¹² Na verdade, o “gancho de esquerda” não era tão revolucionário assim. Manobras de flanco foram utilizadas por exércitos desde a antiguidade – a citação a Aníbal não é fortuita.

Schwarzkopf foi, a princípio, contrário a adoção dessa manobra ofensiva. O general temia que o *front* principal ficasse por demais desguarnecido com a transferência de tantas forças para o deserto a oeste. O plano só foi aceito quando o governo norte-americano transferiu para o teatro de operações mais um corpo de exército com 145 mil soldados. Para Bruce Berkowitz, entretanto, esse *senão* levantado por Schwarzkopf acabou sendo desprezado. Isso porque a coalizão poderia ter até transferido toda sua força para efetivar a manobra de flanco sem sofrer nenhuma ameaça maior pois:

Normalmente a velocidade é a condição crítica para se efetuar uma manobra de flanco com sucesso. Entretanto, mesmo que as forças da coalizão não tivessem sido rápidas, os iraquianos teriam sido flanqueados. A razão para isso é que eles simplesmente não podiam ver seus oponentes, não tinham ideia onde eles estavam e não sabiam onde eles podiam reaparecer. Os comandantes da coalizão, por seu turno, sabiam onde suas forças estavam, visto que cada unidade conhecia sua própria localização e estava conectada em uma rede de comunicações segura e confiável (BERKOWITZ, 2003, p. 71).

A supremacia no que concerne à informação foi, para o autor, a causa principal da notável vitória.

Entretanto, a despeito do devastador efeito da incontestável superioridade norte-americana no ar e na área da informação sobre seu inimigo, ainda assim, análises mais acuradas dos combates em terra, ocorridos durante a campanha de cem horas, demonstram que um percentual das tropas iraquianas enfrentou o adversário. Apesar de o grosso das forças ter desertado durante a fase de ataques aéreos ou ter se rendido imediatamente após o avanço das forças da coalizão sobre o Kuwait, algumas divisões blindadas situadas na retaguarda e a maior parte das unidades da guarda republicana acantonadas no sul do Iraque deslocaram-se para posições previamente preparadas e lutaram com bravura contra as forças invasoras norte-americanas e britânicas, inclusive as que efetuavam a manobra “gancho de esquerda”.¹³ Segundo Stephen Biddle, malgrado a elevada destruição de tanques e outros blindados iraquianos por ataques aéreos e a vantagem tecnológica das forças da coalizão, especialmente quanto à informação e à inteligência, um mínimo de 1.200 e um máximo de 4.100 blindados iraquianos sobreviveram e um percentual substancial deles soube do avanço da coalizão e aprestou-se para detê-lo (BIDDLE, 2004, p. 142-144). Nas batalhas em Wadi al-Batin, Madinah Ridge e a que ocorreu próximo ao campo petrolífero de Burqan, tropas iraquianas, especialmente as da guarda republicana, lutaram com determinação e coragem, ainda que tenham sido derrotadas causando pouco estrago em seus oponentes.¹⁴ Isso significa, portanto, que nem a supremacia aérea nem a excelência tecnológica em termos de inteligência e precisão podem explicar, completamente, a esmagadora vitória obtida na campanha.

Levantou-se a hipótese de que isso podia ser resultado da disparidade tecnológica do equipamento em terra, utilizado pelos dois lados.¹⁵ Ocorre que mesmo em setores em que os norte-americanos utilizavam veículos mais antigos e parelhos aos do oponente, a vitória obtida não foi diferente. Além disso, é importante frisar que, no Centro de Treinamento do Exército norte-americano, situado no deserto de Mojave, os instrutores, as “forças locais”, equipados com material bélico soviético equivalente ao utilizado pelos iraquianos, nas centenas de batalhas fictícias lá “lutadas”, quase sempre venciam seus compatriotas dotados de equipamento mais avançado (BIDDLE, 2004, p. 144).

O motivo maior para a vitória completa obtida nas batalhas da Guerra do Golfo, portanto, seria o diferencial de treinamento e a *expertise* militar entre os adversários. Apesar das vantagens, diretas e indiretas, proporcionadas pelo domínio aéreo e pela supremacia tecnológica dos norte-americanos, caso os iraquianos que lutaram – uma minoria das forças dispostas no teatro de operações, mas, ainda assim, uma minoria numerosa – tivessem o mesmo nível de marcialidade de seus oponentes, a vitória custaria certamente muito mais tempo, recursos e vidas dos Estados Unidos e aliados.¹⁶ A absoluta vitória norte-americana no conflito teria na transformação de suas forças armadas pela RAM condição necessária, mas não suficiente para o acontecido.

Esse achado destaca o valor do treinamento e diminui muito a força das explicações que atestam que a ocorrência dessa suposta RAM implica necessariamente a completa obsolescência de forças militares que não tenham condições de se aprestar de acordo. Ao contrário, aspectos tradicionais do fazer a guerra moderna estariam ainda em plena validade, como a capacidade de dispersão e camuflagem no campo de batalha e de realizar com maestria operações combinadas entre armas. Para forças armadas com um inventário tecnologicamente atrasado comparado ao dos países centrais, essa parece ser uma boa notícia.¹⁷

A vitória esmagadora e suas razões não esgotam o quadro total da guerra. Em um aspecto, ao menos, os meios militares dispostos por Saddam foram bem empregados e hoje é patente o reconhecimento de que eles não puderam ser anulados durante o conflito pelas contramedidas tomadas pela coalizão. Estamos nos referindo aos ataques iraquianos com mísseis balísticos.

4 O PAPEL DOS SCUDS

Os Scuds são mísseis balísticos de curto alcance produzidos pela antiga União Soviética e vendidos a número substancial de países clientes, entre os quais o Iraque. Trata-se de míssil com tecnologia bem antiga, descendente direto das V-2 alemãs da Segunda Guerra Mundial, que causaram terror a Londres nos meses finais do conflito. Em sua versão mais popular, é capaz de atingir um alvo a pouco menos de 300 km com uma ogiva de quase uma tonelada, que pode conter tanto alto-explosivo como carga nuclear, biológica ou química. Ainda que nunca usados pelos iraquianos

com carga não-convencional, o fato de o país ser detentor de largo estoque de armas químicas e de as ter utilizado em outros vetores, durante a pregressa guerra contra o Irã, tornava a ameaça de tais ataques uma das maiores preocupações para os norte-americanos e aliados.

Versões do Scud modificadas pelo Iraque a partir de 1987, chamados de Al Hussein, já se inseriam na categoria de mísseis de médio alcance. Com uma ogiva bem menor (entre 125 e 290 kg), esses mísseis tinham alcance estendido para 600 km, sendo capazes de atingir tanto Teerã, a leste, como qualquer ponto do território de Israel a oeste (KARP, 1996, p. 150). Os Scuds iraquianos podiam ser lançados tanto de plataformas fixas como móveis, sendo as últimas as mais eficientes durante a guerra, haja vista o domínio aéreo e a informação que a coalizão detinha. Na Guerra do Golfo, quase todos os mísseis disparados pelo Iraque o foram de plataformas móveis, quase exclusivamente do tipo Al Hussein.¹⁸

Os ataques de mísseis pelo Iraque visavam a alvos estratégicos e operacionais. Com os disparos contra Israel, Saddam Hussein buscava provocar um contra-ataque do governo de Tel Aviv. Por mais desarrazoado que possa parecer, tal ato era plenamente justificável. A razão é que a entrada de Israel na coligação inimiga afetaria a fina aliança costurada pelos norte-americanos com diversos países árabes membros da coalizão anti-Iraque. A maior ameaça era balançar o apoio que era dado pela Arábia Saudita e demais monarquias árabes do Golfo Pérsico, fundamentais porque cediam território e bases para o emprego da força militar norte-americana na área. O governo dos Estados Unidos conseguiu manter Israel fora da contenda, ao aumentar em muito a busca e destruição aérea dos Scuds e também ao transferir mísseis antibalísticos Patriot para o território israelense, com resultados bem longe do esperado. De todo o modo, ainda que mísseis iraquianos caíssem sobre Israel até o final do conflito, o país manteve-se fora da guerra.

A outra área-alvo dos mísseis iraquianos compreendia a Arábia Saudita e as pequenas monarquias nos arredores do Golfo Pérsico. Buscava-se aí atingir a infraestrutura do oponente, tanto militar como civil. Alvos como bases militares, portos ou plataformas petrolíferas eram muito difíceis de serem atingidos, em virtude da imprecisão de tais mísseis. Graças à grande área disponível para um impacto, as cidades acabavam sendo o objeto da maior parte dos ataques..

A efetividade de mísseis balísticos armados com explosivo convencional é motivo de debate entre especialistas. O custo dos mísseis não compensaria a pequena carga explosiva que são capazes de levar, especialmente se comparados aos caças-bombardeiros. Esses, além de terem outras funções, podem ser reutilizados muitas vezes após suas missões de bombardeio, e são muito mais precisos, notadamente em face dos Scuds iraquianos. Pelos cálculos de S. Fetter, os mísseis balísticos só superam os caças-bombardeiros como vetores em casos em que os últimos tenham uma taxa de perda de mais de 35% por missão voada (apud KARP, 1996, p. 153). Isso era exatamente o que ocorria, do ponto de vista iraquiano, na Guerra do Golfo. Sua força aérea não chegou a efetuar nenhuma missão de ataque com sucesso e logo desistiu de voar ofensivamente, buscando abrigo em *bunkers* reforçados no país ou fugindo para bases aéreas no Irã. O total domínio do ar pela coalizão só sofria certo desafio, pelo Iraque, porque o país dispunha de um estoque de mísseis balísticos considerável.

É importante lembrar também que a maior perda de soldados norte-americanos por ação inimiga deu-se em consequência de um míssil que atingiu, em um golpe de sorte, um acampamento de tropas nos subúrbios de Dhahran, na Arábia Saudita. As baixas foram de 28 mortos e 97 feridos. Considerando que as perdas norte-americanas em virtude de ação inimiga foram muito pequenas, esse número corresponde a 25% do total de baixas em combate dos Estados Unidos na guerra (HALLION, 1992, p. 185). Como destacam Gordon e Trainor, caso um desses mísseis tivesse atingido um porto abarrotado de tropas descarregando equipamentos – e um deles quase o fez – o resultado seria deveras grave. Se fossem dotados de ogivas químicas, o pânico causado, entre sauditas e tropas da coalizão, seria ainda maior (GORDON; TRAINOR, 1995, p. 229).¹⁹

A caça aos Scuds foi uma das mais importantes missões desempenhadas pelos meios aéreos da coalizão durante toda a guerra. Apesar disso e do pleno domínio aéreo atingido na primeira semana de conflito, um número considerável de Scuds foi escondido e lançado até os últimos dias da contenda.²⁰ O próprio ataque a Darhan ocorreu pouco antes do cessar-fogo. A dificuldade de conseguir informação sobre onde estavam os lançadores móveis dos mísseis e o uso corrente pelo Iraque de simulacros enganadores, que só podiam ser distinguidos dos verdadeiros mísseis a algumas dezenas de metros de distância, são as razões principais para que

pouquíssimos Scuds tenham sido destruídos, em terra, pelas aeronaves da coalizão (KEANEY, 1993, p. 30). Isso explica também a atividade desses mísseis até o cessar fogo.

Ademais, o desempenho dos mísseis Patriot como nêmesis dos Scuds, muito divulgado durante e logo após a guerra, foi desmentido com o passar dos anos.²¹ O incremento nos gastos em pesquisa e desenvolvimento de tecnologia antimíssil pelos Estados Unidos, desde a Guerra do Golfo, é claro indício desse fato. Mostra, também, que o país reconhece mísseis balísticos à *la Scud* como ameaça importante e prossegue em busca de debelá-los.

5 CONCLUSÃO

Perguntado sobre a maior lição da Guerra do Golfo, o general indiano K. Sundarj respondeu: “não se meta com os Estados Unidos se você não possui armas nucleares” (SCHNEIDER, 1999, p. 203). O poder dissuasório de tais armas é, sem dúvida, notável. Com elas, o Iraque poderia até ter se livrado da derrota na guerra, negociando uma solução diplomática mais consensual para a crise. Não sem motivos, tal lição foi apreendida rapidamente pelos governos dos demais países denominados pelos norte-americanos como “Patifes” ou membros do “Eixo do Mal”,²² próximos candidatos prováveis à intervenção militar por parte da superpotência. A Coreia do Norte realizou seu primeiro teste de engenho nuclear de pequena potência em 2006 e o Irã prossegue envidando esforços para ser capaz de, internamente, produzir explosivos nucleares, se e quando desejar.

Mesmo levando-se em conta conflitos puramente convencionais, as lições da Guerra do Golfo são mais nuançadas do que em um primeiro momento pareceram. Não há como negar o peso que o domínio dos ares e da informação, pelos Estados Unidos, teve na vitória obtida com número extraordinariamente pequeno de baixas. Entretanto, a análise que fizemos mostrou que muitos outros aspectos contribuíram também para essa vitória, aspectos importantes ainda que menos divulgados.

Em primeiro lugar, apesar da supremacia aérea e de informação conseguida pela coalizão, uma vez efetuada a invasão, boa parte das forças adversárias, pequena em termos relativos, porém a mais bem equipada e mais motivada, teve informação sobre o avanço norte-americano na

manobra “gancho de esquerda” e aprestou-se para barrar o inimigo. A arrasadora vitória dos blindados e da infantaria dos Estados Unidos nas batalhas que se desenrolaram teve, na superioridade tática e operacional, condição *sine qua non*. Caso os iraquianos fossem equivalentes aos seus adversários nessa área, ainda que certamente derrotados, um custo bem maior em termos de vidas e equipamento seria infligido aos vencedores. Um claro recado está implícito aqui, especialmente para forças militares com pequeno orçamento. Se há dúvidas sobre em que investir escassos recursos financeiros, parece mais proveitoso aprimorar a capacidade e habilidade do combatente do que dotá-lo de equipamentos mais modernos, à custa de redução concomitante em seu treinamento.

Em segundo lugar, e também considerando a supremacia da coalizão nos quesitos próprios à RAM, verifica-se a operacionalidade dos mísseis balísticos iraquianos durante toda a guerra, apesar de serem artefatos bélicos com baixa precisão e de tecnologia ultrapassada. Os danos causados podem ser considerados baixos. Entretanto, isso muda muito de figura se lembrarmos o pequeno número de mísseis à disposição do Iraque e o fato de que eles só foram usados com ogivas de alto-explosivo. Caso fossem em maior número e tivessem sido equipados com ogivas não-convencionais, como agentes químicos, por exemplo, o estrago certamente seria muito superior.²³

Lembremos também que, a despeito das considerações acima, os poucos mísseis foram, provavelmente, a fonte de maior preocupação para os líderes políticos e militares da coalizão durante toda a guerra. Pouco tempo após o cessar-fogo, o Conselho de Segurança da ONU votou resolução que obrigava o governo iraquiano a terminar tanto com seu programa de “armas de destruição em massa” como com seus mísseis balísticos, ao mesmo tempo em que mantinha inspetores no país para fazer valer a decisão.²⁴ Na verdade, a preocupação norte-americana com a proliferação de mísseis balísticos já havia, em 1987, dado ensejo à constituição de um regime de controle da tecnologia de mísseis (MTCR, na sigla em inglês), arranjo que envolvia mais seis países desenvolvidos, cujo objetivo maior era limitar ao extremo a difusão de mísseis e sua tecnologia no Terceiro Mundo. Logo após a Guerra do Golfo, e como consequência do conflito, o MTCR tornou-se mais severo. O acordo passou, então, a regular e coibir quaisquer transferências de mísseis com alcance de mais de 150 km

– originalmente, as restrições aplicavam-se somente a mísseis capazes de levar carga de 500 kg ou mais, a distâncias de, no mínimo, 300 km (KARP, 1996, p. 26).

Os gastos norte-americanos com tecnologia antimísseis, por causa do já comentado baixo desempenho dos mísseis Patriot nessa função, foram bem elevados. A invasão do Iraque pelos Estados Unidos em 2003 parece, à primeira vista, ter justificado os custos desse programa. De acordo com informações do exército dos Estados Unidos, dezenove mísseis balísticos foram lançados pelos iraquianos até a tomada de Bagdá, em abril daquele ano. Nove foram considerados perigosos e todos os dezenove foram destruídos pelas versões mais recentes e precisas dos mísseis Patriot (GORMLEY, 2003, p. 63).

Duas questões, entretanto, devem ser arguidas sobre essa experiência. A primeira diz respeito à tipologia dos mísseis balísticos iraquianos destruídos. Nenhum Al Hussein, ou mesmo Scud convencional, foi utilizado. Os mísseis lançados pelos iraquianos eram de tipos com alcance bem menor, mais lentos e fáceis de interceptar, ainda que mais precisos. Ademais, pela primeira vez foram usados mísseis de cruzeiro contra as forças norte-americanas que, apesar de lentos, voam a baixíssima altitude, o que dificulta a interceptação. Também de tecnologia relativamente baixa e, ainda que não tenham causado nenhum dano maior, os cinco mísseis de cruzeiro supostamente disparados não foram detidos pelos Patriot.

Dennis Gormley acredita que a combinação de mísseis balísticos e de cruzeiro pelas forças armadas de países do Terceiro Mundo mostre-se ainda capaz de penetrar o ultratecnológico escudo antimísseis que os norte-americanos desenvolveram, nos últimos anos, para proteger suas forças militares, bases e cidades amigas, em intervenções no além-mar (Id., Ibid.).

Por essa razão, a política de não-proliferação de mísseis continua tão cara aos Estados Unidos. Por isso, também, grande número de países no Terceiro Mundo, especialmente na Ásia, no cinturão que vai de Israel à Coreia do Norte, prossegue tentando adquirir ou desenvolver mísseis balísticos (BRACKEN, 2000, p. 150-156). Em termos de prioridade, logo abaixo do controle estrito que os norte-americanos buscam para as armas e tecnologia nucleares – controle consagrado com a prorrogação *sine die*, em 1995, do Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares – encon-

tra-se a barreira à difusão dos mísseis balísticos e, agora, provavelmente também dos mísseis de cruzeiro. Os norte-americanos querem, com isso, limitar ao máximo o número de países com tais armas, de modo a retirar de sua preocupação esse elemento em futuras intervenções militares pelo mundo afora.

Resumidamente, podemos afirmar que a superioridade do poder militar norte-americano em guerras convencionais revelou-se com a admirável vitória conseguida em 1991 contra as forças armadas do Iraque. Essa vitória foi, em grande medida, obtida em razão da RAM operada nas organizações militares estadunidenses, mas de forma alguma se deveu exclusivamente a ela. Como vimos, a maior eficiência de suas forças armadas em relação à de seus inimigos foi conseguida também graças a vantagens comparativas em aspectos mais tradicionais, como treinamento, liderança e coordenação de armas em combate. Eis, portanto, a advertência. Para países com orçamento de defesa apertado, parece ser boa opção ter combatentes mais qualificados, o que se consegue com treinamento mais rigoroso e caro, em vez de um maior número de armas e equipamentos sofisticados.

Conjugado a esse aspecto, e tendo como cenário estratégico um potencial conflito armado com os Estados Unidos, é válido, para um país periférico, o investimento em mísseis balísticos e de cruzeiro, mesmo que inferiores e pouco precisos. Tais engenhos se apresentam, na atual conjuntura, como a única maneira, para a esmagadora maioria de países, de desafiar a “natural” supremacia aérea que os Estados Unidos são capazes de exercer em qualquer cenário de batalha.

REFERÊNCIAS

- BERKOWITZ, Bruce. *The New face of war: how war will be fought in the 21st Century*. New York: The Free Press, 2003.
- BIDDLE, Stephen. *Military power: explaining victory and defeat in modern battle*. Princeton: Princeton University Press, 2004.
- BOOT, Max. “The new American way of war”. *Foreign affairs*, v. 82, n. 4, 2003.
- . *War made new: technology, warfare and the course of history*. New York: Gotham Books, 2006.
- BRACKEN, Paul. “The second nuclear age”. *Foreign affairs*, v. 79, n. 1, 2000.
- CREVELD, Martin Van. *The changing face of War: lessons of combat from the Marne to Iraq*. New York: Presidio Press, 2006.
- FRIEDMAN, George e Meredith. *The future of war: power, technology and*

- American world dominance in the 21st century. New York: Crown Publishers, 1996.
- GORDON, Michael R. e TRAINOR, Bernard E.. The general's war: the inside story of the conflict in the Gulf. New York: Back Bay Books, 1995.
- GORMLEY, Dennis M.. "Missile defence myopia: lessons from the Iraq War". *Survival*, v. 45, n. 4, 2003.
- GRAY, Colin S.. *Strategy for chaos: revolutions on military affairs and the evidence of history*. Portland, Oregon: Frank Cass Publishers, 2002.
- HALLION, Richard P.. *Storm over Iraq: air power and the Gulf War*. Washington: Smithsonian Institution Press, 1992.
- HASELKORN, Avigdor. *The continuing storm: Iraq, poisonous weapons, and deterrence*. New Haven: Yale University Press, 1999.
- KARP, Aaron. *Ballistic missile proliferation: the politics and technics*. New York: SIPRI-Oxford University Press, 1996.
- KEANEY, Thomas A.. "Surveying Gulf War airpower". *Joint forces quarterly*, autumn 1993.
- MANDEL, Robert "The wartime utility of precision versus brute force in weaponry". *Armed forces & society*, v. 30, n. 2, 2004.
- McNAUGHER, Thomas L.. "Ballistic missiles and chemical weapons: the legacy of the Iran-Iraq War". *International security*, v. 15, n. 2, 1990.
- MUELLER, John. "The perfect enemy: assessing the Gulf War". *Security studies*, v. 5, n. 1, 1995.
- PAPE, Robert. *Bombing to win: air power and coercion in war*. Ithaca: Cornell University Press, 1996.
- . "The true worth of air power". *Foreign affairs*, v. 83, n. 2, 2004.
- PAPE, Robert e McPEAK, Merrill A. "Hit or miss". *Foreign affairs*, v. 83, n. 5, 2004.
- PERRY, William J.. "Desert storm and deterrence". *Foreign affairs*, v. 70, n. 4, 1991.
- POLLACK, Kenneth. *Arabs at war: military effectiveness, 1948-1991*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2004.
- PRESS, Daryl G.. "Lessons from ground combat in the Gulf: the impact of training and technology". *International security*, v. 22, n. 2, 1997.
- . "The myth of air power in the Persian Gulf War and the future of warfare". *International security*, v. 26, n. 2, 2001.
- ROSTKER, Bernard. *Information paper – Iraq's Scud ballistic missiles*, 2000.
- SCHNEIDER, Barry R.. *Future war and counterproliferation: U.S. military responses to NBC threats*. Westport: Greenwood Publishing Group, 1999.

NOTAS

¹ Este artigo é fruto de pesquisa realizada com apoio da FAPERJ, sob supervisão do professor Eurico de Lima Figueiredo. Agradeço também ao colega professor Thomas Heye e a meu irmão Sérgio Filho, bem como aos pareceristas da revista, por comentários, revisão e correções.

² A mais recente campanha militar contra o Iraque, em 2003, foi saudada por alguns como evento de igual ou maior importância em termos estratégicos. Isso porque os Estados Unidos derrotaram o poder militar de Saddam Hussein e ocuparam o Iraque "com menos da metade das tropas empregadas na primeira guerra (e em) praticamente metade do tempo, com um te-

ção das baixas e um quarto dos custos” (Boot, 2003, p. 43-4) Certo distanciamento, entretanto, permite julgamento mais sóbrio a respeito do evento. Tendo em vista o resultado da primeira guerra, o bloqueio sofrido pelo Iraque nos doze anos que separaram os dois conflitos, a degradação de seu poder militar e o concomitante incremento qualitativo no poder bélico estadunidense, o resultado da campanha parece bem menos revolucionário e até previsível. De acordo com Van Creveld, seria como se a Alemanha de Hitler tivesse “invadido a Polônia, esmagado seu exército, retirado sua tropa, imposto dez anos de sanções ao país e então o invadissem uma segunda vez” (CREVELD, 2006, p. 204). O esperado seria mesmo a vitória de maneira ainda mais retumbante.

³ Ver, por exemplo, Perry (1991) e Mueller (1995).

⁴ Segundo Andrew Krepinevich, “uma revolução militar ocorre quando há a combinação entre novas tecnologias em um número significativo de sistemas militares, com inovações operacionais e organizacionais que alteram o caráter e a conduta dos conflitos armados”. Essa é uma definição muito citada, ainda que críticas a ela existam. Colin Gray, por exemplo, discorda de que as RAMs sejam sempre provocadas por mudanças tecnológicas. Ele prefere defini-las, de modo mais abrangente e parcimonioso, como mudanças radicais no caráter ou conduta da guerra (GRAY, 2002, p. 4-5).

⁵ Trevor Dupuy, analista militar de renome, afirmou que era razoável esperar 10 mil baixas em dez dias de luta. Joshua Epstein, do Instituto Brookings, elevou o número provável de baixas para 12 mil em uma guerra de três semanas. Outros pensavam em perdas ainda maiores, em uma guerra que poderia durar anos! (apud FRIEDMAN, 1996, p. 253-4). John Mearsheimer, professor de ciência política da Universidade de Chicago, foi um dos raros especialistas que, em artigo no New York Times de 8 de fevereiro de 1991 – “Will Iraq fight or fold its tent? Liberation in less than a week” – previu uma vitória rápida, “provavelmente com menos de mil mortos” (apud PAPE, 1996, p. 241).

⁶ Na verdade, em termos estatísticos, o índice de baixas fatais entre soldados norte-americanos acantonados no Golfo mostrou-se inferior até àquele entre jovens estadunidenses de vinte a trinta anos no próprio país! (BOOT, 2006, p. 347-8)

⁷ Uma das mais conhecidas batalhas desse tipo, Omdurman, opôs tropas imperiais britânicas contra os dervishes, do Sudão, em 1898. Os ingleses, armados com fuzis de repetição Enfield e metralhadoras Maxim, derrotaram seus valentes adversários em uma batalha que durou poucas horas, e que custou aos britânicos e tropas imperiais menos de 50 mortos e 400 feridos, contra quase 11.000 mortos e 16.000 feridos do oponente (BOOT, 2006, p. 146-169).

⁸ Na nota 61, o autor explica que tais estimativas não apenas contaram como vítimas da guerra aérea os veículos atingidos por bombas ou mísseis, mas também os que foram abandonados. Esses últimos seriam vítimas indiretas da campanha aérea, visto que eles estariam inertes por razão exclusiva dos bombardeios. Os ataques recorrentes poderiam ter matado a tripulação dos veículos ou feito com que ela os abandonasse por receio de ser atingida, ou mesmo causado manutenção falha que ao fim os tornou inúteis quando teve início a campanha em terra.

⁹ Ver, em relação a esse ponto, Robert Pape (1996, capítulo 7; 2004) e Pape e McPeak (2004). Segundo Pape, enquanto na Operação Cobra, realizada em julho de 1944, uma das mais bem sucedidas operações aéreas de apoio a terra da Segunda Guerra Mundial, 14.600 bombas de 500 libras foram lançadas sobre uma única divisão alemã e destruíram apenas 66 tanques e onze canhões pesados, perfazendo uma taxa de bombas por equipamento destruído de 190 para um (0,5%); na Guerra do Golfo, as 9.800 bombas inteligentes lançadas contra as 42 divisões do Iraque destruíram cerca de 2.500 tanques, veículos blindados de transporte e peças de artilharia pesada. Essa taxa de destruição, de quatro para um (25%), mostra o poder aéreo passou a ser cinquenta vezes mais eficiente do que era (PAPE e MCPEAK, 2004, p. 163).

¹⁰ De acordo com o general Buster Glosson, responsável pela campanha aérea na Guerra do Golfo, foram despejadas 85.000 t de bombas na guerra. Desse total, somente 8.000 t eram de bombas inteligentes – menos de 10%, portanto. Ainda assim, elas foram responsáveis por 75% dos danos (MANDEL, 2004, p. 183).

¹¹ Os computadores de bordo dos tanques M-1A Abrams eram capazes de calcular toda a balística de tiro, e atingir um alvo a mais de 3 km de distância com 90% de probabilidade de acerto (BERKOWITZ, 2003, p. 78).

¹² Os iraquianos não acreditavam ser possível concentrar um número de tropas desse tamanho tão a oeste. As defesas preparadas por eles terminavam mais ou menos há 100 km da tríplice fronteira Iraque-Kuwait-Arábia Saudita, visto que se considerava improvável um ataque a pé pela dificuldade de locomoção e suprimento numa área em que só havia deserto. Altamente mecanizadas e equipadas com o GPS, a coalizão não teve problemas em deslocar-se e manter-se na região a espera da ordem de ataque (POLLACK, 2004, p. 239).

¹³ Nas palavras de Kenneth Pollack, o que mais impressiona não é que entre 150 mil a 250 mil soldados tenham desertado durante a campanha aérea da coalizão e nem que outros 80 mil tenham-se rendido sem luta uma vez iniciada a guerra em terra. O que impressiona é que entre 250 mil e 275 mil soldados não fugiram, e alguns lutaram bravamente (POLLACK, 2004, p. 266).

¹⁴ Para se ter uma noção, o VII Corpo de Exército destruiu mais de 2.800 tanques, blindados de transporte e peças de artilharia do Iraque, perdendo, graças à ação adversária, apenas 36 veículos blindados e sofrendo um total de baixas de 47 mortos e 192 feridos (BIDDLE, 2004, p. 135).

¹⁵ Explicação em grande medida, ainda que não em sua totalidade, esposada por Daryl G. Press. Ver Press (1997 e 2001).

¹⁶ Pollack aponta como maior fraqueza do Exército iraquiano sua capacidade tática. Isso se resumiria em dois pontos básicos: completa falta de criatividade, agressividade, iniciativa e capacidade de manobra da maioria dos oficiais iraquianos de baixa patente; e a inépcia na realização de operações combinadas entre armas, o segredo da maestria militar no campo de batalha. Conjugar a ação da infantaria, artilharia e blindados em uma única e coordenada operação era impossível até para as mais bem treinadas tropas iraquianas, como as unidades da guarda republicana. Isso limitava muito a efetividade das forças militares do Iraque, especialmente contra inimigo tão bem treinado e superior numérica e tecnologicamente. Curiosamente esse mesmo autor não vê grandes problemas no generalato iraquiano. Suas decisões, operacionais e estratégicas, foram normalmente acertadas. Eles teriam extraído o máximo possível da (deficiente) capacidade militar tática de suas forças (POLLACK, 2004, p. 258-64). Essa análise vai de encontro à visão de que Saddam Hussein, por razões políticas, teria privado seu exército de bons comandantes, cercando-se apenas de acólitos e bajuladores, incapazes de pensar de forma criativa e independente.

¹⁷ Na história militar recente, alguns exércitos de países periféricos, dotados de equipamento militar ultrapassado, tiveram, não obstante, desempenho destacado em combate. É o caso dos norte-vietnamitas, entre 1965-72, e até dos estrangeiros da Al Qaeda na recente Guerra do Afeganistão. Diferente das forças do Taliban, derrotadas com relativa facilidade pelos ataques aéreos precisos dos norte-americanos, os combatentes da Al Qaeda mostraram-se muito mais hábeis em lutar sob o domínio aéreo oponente, ao dispersar e camuflar suas forças, e posteriormente resistir aos ataques em terra dos aliados afegãos dos norte-americanos. (BIDDLE, 2004, p. 3, 200-1).

¹⁸ Acredita-se que um mínimo de 81 e um máximo de 97 mísseis foram disparados contra alvos da coalizão na Arábia Saudita e contra Israel (ROSTKER, 2000, tabela 2).

¹⁹ A capacidade de causar terror e pânico é inerente a essa arma. Durante a chamada “Guerra das cidades”, em 1988, quando o Iraque passou a lançar mísseis contra grandes cidades iranianas, metade da população de Teerã chegou a abandonar a cidade com medo dos mísseis, especialmente porque recebiam um ataque com ogivas químicas, algo que nunca aconteceu. O pânico e desmoralização causados por tais ataques foram causa parcial da anuência, pelo Irã, de terminar a guerra (KARP, 1996, p. 45; POLLACK, 2004, p. 229). Relativizando os efeitos dos ataques de mísseis à Teerã como importante causa para os iranianos terem aceitado o cessar-fogo, ver McNaugher (1990).

²⁰ Na última semana de guerra, os ataques iraquianos chegaram ao nível dos ocorridos na segunda semana do conflito (GORDON e TRAINOR, 1995, p. 240).

²¹ Estimativas oficiais do governo norte-americano hoje atestam que somente 9% dos Patriot disparados acertaram os alvos. Os números dos israelenses são ainda piores. Somente um dos 39 Scuds disparados contra Israel foi interceptado pelos Patriots cedidos ao país. Uma taxa de acerto de menos de 3%. O exército norte-americano, por seu turno, afirmou que a taxa de sucesso dos Patriot foi de 70% na Arábia Saudita e de 40% em Israel (GORMLEY, 2003, p. 63 e nota 9).

²² Países Patifes, ou *Rogue States*, eram os termos usados nos anos 1990 para agrupar Estados vistos por Washington como ameaçadores à ordem e à paz internacional. Faziam parte do grupo o Irã, o Iraque, o Afeganistão, a Líbia e a Coreia do Norte. O Eixo do Mal substituiu tal termo, e foi utilizado pela primeira vez pelo presidente George Bush Júnior em seu discurso de posse em janeiro de 2002. O Eixo referia-se apenas a Iraque, Irã e Coreia do Norte. Com a invasão e derrubada de Saddam Hussein, em 2003, o termo ficou restrito somente aos dois últimos países.

²³ Ainda que seja certamente exagero chamar as armas químicas de “a arma atômica dos pobres”, sua capacidade destrutiva pode ser bem grande, em condições favoráveis e se utilizadas contra alvos despreparados. Segundo especialistas, elas podem ser até quinhentas vezes mais destrutivas do que explosivos convencionais. Entretanto, seu poder de aterrorizar o inimigo é muito maior do que os efeitos materiais de utilização. Isso torna tais armas bons instrumentos dissuasórios (KARP, 1996, p. 164-5). Avigdor Haselkorn, em livro bastante controverso, afirma que, em 1991, operou-se uma dissuasão química iraquiana contra a coalizão. Para o autor, Bush sênior afastou a hipótese de prosseguir o avanço de suas tropas até Bagdá porque ficou receoso de que Saddam atacasse Israel e as monarquias do Golfo com armas químicas e biológicas, acondicionadas nas ogivas dos Scuds de longo alcance. Essa seria a principal causa para a rápida conclusão do conflito e a consequente manutenção de Saddam no poder (HASSELKORN, 1999).

²⁴ A Resolução 687, de 3 de abril de 1991, proibia ao Iraque a posse de mísseis com raio de alcance maior do que 150 km e a produção e estocagem de armas químicas e biológicas.
